



Memórias e vivências de um exilado republicano espanhol: *La Retirada*

e o *Camp d'Argelès* (1939), França

GENY BRILLAS TOMANIK*

Introdução

Este trabalho integra-se à tese em desenvolvimento, que objetiva contribuir para o estudo dos deslocamentos dos exilados republicanos espanhóis em consequência da Guerra Civil Espanhola (1936-39), envolvendo questões da memória política e social. O fio condutor para um amplo diálogo histórico fundamenta-se na escrita de si de um sujeito histórico – Pedro Brillas (1919-2006), nascido em Barcelona, ex-combatente republicano anarquista –, cuja trajetória e episódios em seu entorno, levaram-no ao exílio, com apenas 19 anos, após ser ferido no campo de batalha do Rio Segre, na Espanha.

O exílio/êxodo republicano massivo de 1939, originou-se com a queda de Barcelona e o avanço das forças franquistas na Catalunha, quando a população republicana sob forte bombardeio fascista, se viu obrigada a dirigir-se à França, em busca de segurança. Este deslocamento forçado, conhecido também como *La Retirada*, foi um marco nas historiografias espanhola e francesa do século XX e o início de experiências indelévels no exílio, como a reclusão dos refugiados em campos de internamento franceses, comumente denominados como campos de concentração. Pedro Brillas, levado pelas circunstâncias, ao atravessar a fronteira francesa, viu-se obrigado a acompanhar o fluxo multitudinário sob a custódia de soldados e policiais franceses e ordens de *Allez, Allez!*¹. Após cerca de 10 horas de caminhada em território francês, Pedro Brillas foi conduzido ao *Camp d'Argelès-sur-mer*, onde permaneceu retido por 220 dias (08/02 – 15/09/1939) em péssimas condições; quando saiu do campo iniciava-se a Segunda Guerra Mundial (1939-45).

Esta comunicação busca recuperar as memórias, experiências e subjetividades de Pedro Brillas, protagonista desses episódios históricos, fundamentadas no amplo e exemplar acervo particular composto de diários, memórias, apontamentos, cartas, entre outros. Tal acervo foi constituído a partir do conflito civil hispânico, em diários nos campos de batalhas em 1938, do então jovem com apenas 18 anos, até 2006, ano do seu falecimento em São

* Doutoranda em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Este trabalho vincula-se à tese em desenvolvimento, que conta com apoio CAPES, sob a orientação da Prof^a Dr^a M. Izilda Santos de Matos.

¹ Siga, siga! Eram ordens de prosseguir e de não parar durante o trajeto da fronteira até a praia de Argelès, onde foi instalado o campo de internamento francês, de mesmo nome.

Paulo, perfazendo 68 anos de escrita de si. Além disso, Pedro Brillas foi um primoroso “guarda-memória” (LEJEUNE, 1997) ao arquivar a sua própria vida (ARTIÈRES, 1998) durante quase sete décadas, e atualizá-la recorrentemente (POLLACK, 1992). Este foi o seu legado, cujas memórias e vivências são compartilhadas aqui parcialmente.

La Retirada (1939) e as tensões durante o êxodo

Em consequência da Guerra Civil Espanhola (1936-39), sobretudo em 1939, após a queda da frente da Catalunha e a tomada de Barcelona pelos nacionalistas no dia 26 de janeiro de 1939, quando o fim do conflito se anunciava, houve um deslocamento populacional massivo, - estimado em torno de 500.000 pessoas - rumo ao norte e à fronteira francesa:

A lo largo de la contienda militar, que duró cerca de tres años, centenares y miles de personas abandonaron sus hogares y con sus pocas pertenencias se desplazaron por el territorio peninsular. Algunos incluso abandonaron el país, por tierra o por mar, en función de la evolución de los frentes. Pero fue sobre todo el desenlace de la Batalla del Ebro y la ofensiva franquista sobre Cataluña a finales de 1938 y principios de 1939 lo que propició el gran éxodo de cerca de 500.000 personas, militares y civiles que defendían la República, hacia la frontera francesa, una tragedia humana sin precedentes en nuestra historia. (MUME, 2015).

Durante a Batalha do Rio Segre na Guerra Civil Espanhola, Pedro Brillas foi ferido na cabeça por uma metralha, sobrevivendo por poucos centímetros ao ataque inimigo. Após cuidados emergenciais em um hospital de campanha foi transferido a diversos hospitais, o último em Olot, próximo à fronteira francesa. Já no percurso a este hospital, Pedro notou o fluxo da multidão em direção à França: (sic) “[...] passamos por caminhões, ônibus, e alguns carros, e bastantes carroças puxadas a cavalo e mula, com camponeses que se dirigiam rumo a fronteira. As tais carroças, estavam carregadas c/moveis, roupa, utensílios de cozinha, e coisas de valor sentimental da família” (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:73).

Após atendimento médico, Pedro foi liberado: (sic) “Uns fôram destinados a ficar no hospital, não muitos, e o resto fomos liberados, podendo retornar p/nossas Cias. para nossas casas, ou seguir viagem por nossa conta e risco na direção da fronteira, para onde ia muita gente, a pé, em carroças, em caminhões, ambulância, etc.” (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:76). No caminhão que transportou os feridos para o Hospital em Olot, Pedro fez amizade com um jovem militar, um pouco mais velho que ele, ferido na perna, que era “comissário” de uma companhia comandada por comunistas, que fora ferido durante um combate na zona de Catalunha. Segundo Pedro, o novo amigo era bastante “fanático”, pois pretendia retornar ao campo de batalha, assim que não precisasse mais usar uma bengala e a

sua ferida estivesse cicatrizada. O próprio autor esclarece esta função no exército republicano popular:

(sic) Devo esclarecer, que ao ser formado o Exército Popular Espanhol, o seja, o nosso, este estava baseado na estrutura do exército da UNIÃO SOVIÉTICA pois que por aquele tempo, os comunistas espanhóis, apoiados e instruídos por Moscou, praticamente dominavam os ministérios mais importantes do governo republicano espanhol, amparando-se em que os russos eram nossos principais fornecedores de material de guerra e outros suprimentos necessários para nossas forças. Assim sendo, cada Cia. tinha um “Comissario Politico”, encarregado de manter a moral da tropa, e em principio, ao qual os soldados podiam reclamar. Este Comissario não participava, teoricamente, da estratégia militar, mas geralmente nas Cias da 121ª Brigada, era consultado pelo capitão. Daí que meu novo companheiro andava influído pela doutrina comunista, e continuava com entusiasmo combativo (Pedro Brillas, s/data², 8º caderno:77).

Ao serem liberados, Pedro, acompanhado do seu novo amigo Antonio, decidiram se apresentar ao quartel general mais próximo, seguindo a estrada a pé, acompanhando o fluxo de soldados e civis, muitos caminhando, carregando trouxas, malas, mochilas, empurrando ou puxando charretes carregadas com roupas, alimento, utensílios, carroças puxadas por cavalos ou mulas, algumas poucas puxadas por bois, além de caminhões, ambulâncias, alguns ônibus, inclusive de Barcelona. Ambos somados à multidão encontravam-se em plena *Retirada*.

Andaram durante o dia e a noite toda; de vez em quando, ao avistarem algum caminhão, faziam sinal para que parassem, mas nenhum os atendia, pois já estavam lotados. Os companheiros paravam para descansar e alimentavam-se de alguma fruta ou legume que apanhavam nos campos abandonados ao longo da estrada, da mesma forma que outros retirantes. Pedro já sentia falta da comida dos hospitais, pois novamente encontrava-se faminto, e lembrava os dias no *front*, com escassez de alimento. Esporadicamente ouviam disparos de artilharia, geralmente na retaguarda, mas também à frente, o que os fazia acreditar que os franquistas tentavam impedir a chegada dos republicanos à fronteira. Após 24 horas percorram cerca de 50 km chegaram em Figueres, onde procuraram o alto comando do exército, pedindo orientação ao capitão o que deveriam fazer, pois ambos estavam feridos e liberados do hospital de Olot:

(sic) Enterado do nosso estado físico, e de que não estávamos ainda em condições de voltar as nossas Cias, o capitão sinceramente falou p/nós, que do jeito que estava a situação guerreira, habendo retirada das tropas legais em todos os fronts, estando o inimigo avançando rapidamente na nossa direção, ou seja, para a fronteira, e ele não vendo possibilidade de o parar, deixava a nosso critério o caminho a tomar, o

² Entre a década de 1980 e 1990, pois em alguns dos outros cadernos desta série, constam datas entre este período.

da fronteira, para onde iam milhares de homens (soldados ou civis), mulheres e crianças, ou voltar p/ nossas casas, ou ir p/o sul e tentar achar nossas Cias, que êle ignorava onde estavam. Para êle, o melhor caminho era o da fronteira, pois que nossa derrota total, não tardaria, pois as forças franquistas, dispunham de muito mais e melhor armamento e tropas que nós (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:81).

Deste modo, Pedro e Antonio, não desertaram das suas funções militares durante a Guerra Civil Espanhola, pois acataram a recomendação do capitão do quartel de Figueres, e prosseguiram em direção à fronteira. Procuraram um local para descansar e encontraram próximo à periferia da cidade, um paiol com portas abertas, cheio de palha, onde se encontravam outras pessoas, aos quais decidiram se juntar, quase todos de Barcelona, também a caminho da França. Acomodaram-se em um pequeno monte de palha cada um. Pouco tempo depois, já adormecidos, repentinamente, foram sacudidos por explosões de bombas, barulho de aviões sobrevoando a pequena cidade e disparos de artilharia antiaérea:

(sic) Rápidamente pegamos nossos pertences, descemos até a rua, e corrimos na direção dos campos, onde nos deitamos no chão. Foram jogadas varias bombas no centro da cidade, quiçás no quartel, onde nós tínhamos estado não fazia muito tempo. Vimos algumas explosões e incêndios, e as granadas antiaéreas explodirem no ar, não longe dos aviões inimigos dos quais não vi nenhum ser derrubado (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:82).

Após o rápido bombardeio, retornaram ao palheiro. Observa-se que entre os seus poucos pertences, não faltava material para a escrita epistolar e anotações:

(sic) Eu tinha uma pequena mochila contendo papel, envelopes e canetas, uma muda de roupa interior, 2 pares de meias, lenços, escova de dentes com pasta, e barbeador Gillete, sabão e pincel p/fazer a barba, e outras quincalherias. Também tinha um (tabardo?)³ e um cobertor, que tinha recebido no hospital de Manresa, pois que ao ser ferido no front perdi tudo (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:83).

Os dois certificaram-se que as suas coisas ainda estavam lá e saíram em busca de alimento. Andaram pelas ruas próximas, distantes do centro, e notaram várias casas destruídas, seguramente em bombardeios anteriores, de acordo com Pedro. Como se encontravam na periferia, próximos aos campos de lavoura, as casas eram campestres, a maioria com estábulo, e alguns sobrados antigos, mal cuidados. Subitamente, ao entrarem em uma rua, notaram muita gente, inclusive militares, que saiam de uma casa supostamente abandonada carregando sacos, panelas, utensílios diversos, legumes, etc. Curiosos, aproximaram-se da entrada da casa típica. Quando todos já haviam saído entraram pela porta escancarada, e notaram que na entrada havia grãos de milho, arroz, cevada, entre outros grãos,

³ Transcrição literal da palavra, escrita pelo autor em parênteses e com ponto de interrogação. “Espécie de capote com capuz abotoado e mangas” (Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em 21 fev. 2015).

espalhados pelo chão, e em uma sala espaçosa com mesa e cadeiras, um armário totalmente aberto com gavetas no chão e muitas roupas espalhadas. Perceberam que a casa havia sido saqueada e de que não havia mais ninguém por perto. Ao chegarem na cozinha havia uma lareira apagada. Pedro relata com detalhes o cenário e a sua experiência inesquecível:

(sic) Hachamos dentro duma lata de folha de Flandres, uns restos de arroz, misturados com massa triturada, um tomate, dos que na Catalunha se penduravam na cozinha p/deixar meio secar, e que se usa p/fazer molho, sal, 2 dentes de alho, uma cebola pequena, e numa garrafa de vidro, no fundo um pouco de azeite. Verifiquei que no fogão, que era de tijolos com 4 buracos c/grelha, que funcionava a lenha ou carvão vegetal, tinha uns restos apagados de carvão, e na pia ao lado do fogão uma torneira de metal, que abrí e jorrou água, na qual numa vasilha de louça meio quebrada, lavei todo o achado. [...]. Consegui cozinhar na frigideira algo palatável, tendo em vista a fome que eu particularmente e Antonio sentíamos, distribuídos em dois pratos de louça meio quebrados e nos sentamos ao lado da mesa, em duas cadeiras, também quebradas, mas que nós conseguimos equilibrar com ladrilhos. [...]Fazia poucos minutos que estávamos la sentados e comendo (ainda não tínhamos terminado pois a comida estava muito quente, quando de repente escutamos barulho nas nossas costas, e uma voz gritando! Mãos para cima! ! Vocês estão presos! (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:85-87).

Ao se virarem, depararam-se com soldados armados com fuzil e um sargento, além de um civil que gritava como louco, chamando-os de ladrões. O sargento deu voz de prisão, acusando-os de saqueadores. Revistaram os dois, verificando o que tinham nos bolsos, apenas lenço, canivete suíço, comprado em Barcelona por Pedro, o seu revólver e pequenas miudezas. O sargento disse ao civil que não haviam roubado nada e questionou o que estavam fazendo ali. Antonio contou que eram soldados e o ocorrido desde a saída do Hospital de Olot até aquele momento. Apesar dos pedidos dos dois companheiros, não permitiram terminar a refeição. Foram levados ao mesmo quartel, onde horas antes haviam se apresentado, e ao mesmo capitão, que se surpreendeu, ainda mais, ao tomar conhecimento do motivo:

(sic) Puxa Vida, de novo vocês! Eu pensava que vocês já estavam na fronteira. Olha, o vosso caso é gravíssimo. Vocês foram pegos dentro d'uma casa saqueada, e portanto vocês são considerados saqueadores, e como tais em tempo de guerra, e como militares, sujeitos à pena de morte, por fuzilamento. Eu tenho que fazer um relatório, que vou encaminhar ao comandante da praça, que é um general, e êle vai decidir. [...]. Chamou de novo o sargento com quem falou, pedindo 2 soldados armados p/nos vigiar enquanto êle, falava com o general. [...]. Meia hora +- , voltou o capitão, desta vez, acompanhado do general e mais um oficial. O general era um homem de uns 60 anos, cabelos grisalhos, cara rosada, demonstrando que ficava mais tempo dentro do quartel, que fora ao ar livre. O aspecto dele era simpático. Todo o pessoal que estava na sala do capitão, ao ver o general, fizemos continência, correspondida brevemente pelo general, levando sua mão direita, perto da cabeça (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:89-91).

Pedro e Antonio foram interrogados pelo general, que aparentemente já havia sido informado do caso pelo capitão, porque estavam na casa saqueada e de que não haviam

roubado nada. Segundo Pedro, Antonio por ser mais graduado do que ele, era quem respondia ao interrogatório:

(sic) O general, seja porque tinha pressa em acabar aquela audiência, ou porque êle achava o caso sem importância, na situação militar que estava a zona republicana, falou que de acordo com o código militar e de guerra eramos passíveis de fuzilamento como saqueadores, pois que a realidade era que nós invadimos uma casa, fosse esta habitada ou não, e que esta tinha sido saqueada, e que nós fomos pegos dentro dela pelo proprietário, que apresentou queixa contra nos, pois eramos os únicos ali encontrados.

O memorialista ainda elucida:

(sic) Na realidade, o exército republicano na zona nordeste (Catalunha), estava em franca retirada, e possivelmente as tropas franquistas chegariam à Figueres em poucos dias, portanto nada se ganhava nem perdia, se nós fôssemos ou não fuzilados como saqueadores. Assim sendo, e não tendo roubado nada a não ser um pouco de comida, êle preferia nos dar uma chance, libertando-nos para que fôssemos p/onde quiséssemos. Deu ordens p/que fossem devolvidos nossos revólveres, e que também nos fosse dado algo p/comer, e fazendo meia continência abandonou a sala, junto c/o oficial, ficando pois, Antonio, eu, o capitão, e os dois soldados (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:93).

Mesmo em circunstâncias extremas podem ocorrer momentos de solidariedade:

(sic) Aí o capitão dispensou os dois soldados que nos custodiavam, chamou um sargento e deu ordens p/que providenciasse alguma coisa p/comer p/ nós dois, e se despediu de nós, com um aperto de mão, e desejandonos sorte. Na saída da sala, depois do aperto de mão, fizemos continência e seguimos ao sargento, que nos levou até um depósito, em donde nos foi dado um "chusco" (pão militar) de 1 kg, e uma lata de carne russa em conserva, e nós saímos do quartel, rumo ao palheiro, onde tínhamos deixado nossos poucos pertences (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno:94).

Este longo e detalhado depoimento do memorialista retrata tensões possíveis em tempos de guerra, onde a fome e o instinto da sobrevivência se sobrepõem, mas que podem depender do arbítrio de uma pessoa instituída do poder decisório da vida ou da morte dos indivíduos, civis ou militares. Cabe destacar que este episódio é um dos mais marcantes da memória familiar, pois Pedro costumava contá-lo detalhadamente aos familiares e amigos, porém sem se vitimizar, nem mesmo vangloriar-se, mas como sendo um momento de sorte, pois novamente escapara da morte.

Durante *La Retirada*, foram muitos acontecimentos, tensões, dúvidas e boataria que se disseminavam entre os retirantes. Entre eles, além da troca das incertezas e de pequenos favores, compartilhavam, até mesmo, alguns momentos fugazes de calor humano e de intimidades – físicas e/ou subjetivas - sem saber se algum dia voltariam a se reencontrar, como aconteceu com Pedro Brillas, que durante o percurso conheceu duas jovens:

(sic) Curioso. En menos de 1 semana habia conocido dos mujeres. Ambas de la misma edad. Bonitas. Con las dos solo estuve unas horas junto. De la primera que poseí durante 1 hora, apenas recuerdo su rostro y nombre. Solo recuerdo que era

rubia y si no me falta la memoria se llamaba Fernanda. De la segunda guardo un grato recuerdo sin haberla siquiera besado. Con la primera, tuve comunión de cuerpo, con la segunda, comunión de alma. Ambas fueran meteoros en el camino de mi vida, y en cambio que diferencia (Pedro Brillas, 1965, p. 6-7).

Pode-se supor que, em tais circunstâncias extremas, com bombardeios em volta, com pouco alimento, sem o conforto de um teto seguro para abrigar-se, em um ambiente hostil, de alto risco e futuro incerto, os instintos primitivos aflorem e a autocensura desapareça, sem importar os padrões morais ditados pela sociedade, supérfluos nesses momentos, principalmente entre jovens afastados da censura familiar.

Antonio, ao retornar do seu curto passeio em busca de notícias, informou que continuava a fuga massiva, com maior intensidade; Madrid continuava em luta, assim como em toda a zona centro-leste; falava-se que o governo catalão tinha se refugiado na França e que o comando central já tinha abandonado Madrid e Valência. É perceptível ao longo da leitura das memórias de Pedro Brillas, que a boataria e o pessimismo eram constantes entre os espanhóis refugiados, no início da *Retirada*, e também nos campos de internamento franceses.

(sic) Os boatos abundavam, a maioria pessimistas. A 5ª Coluna (os simpatizantes do franquismo que estavam infiltrados na zona legal) trabalhava a todo vapor, sabotando nossa retaguarda e expandindo boatos derrotistas. Enfim, que a gente já dava como próxima nossa derrota. [...] Já estava escurecendo e fazia frio. Comimos o resto da comida, e pouco depois decidimos empreender a retirada, seguindo o fluxo de retirantes (Pedro Brillas, s/data, 9º caderno:4).

Prosseguindo rumo à França o cenário era o mesmo: civis a pé ou em veículos motorizados ou movidos com animais; soldados, de vez em quando, passavam caminhões militares carregando ou puxando canhões, também na direção da fronteira, o que demonstrava a retirada total das tropas republicanas (Pedro Brillas, s/data). Caminharam durante toda a noite até La Jonquera, cidade situada nas proximidades da fronteira francesa; devido ao ferimento na perna de Antonio percorreram com lentidão os 19 km de distância. Em certo momento, perceberam novamente gente entrando e saindo, carregados com pacotes de um grande galpão, não distante da estrada. Repetia-se a mesma cena. Observaram que um depósito de alimentos do exército “checo (?)”⁴, aparentemente abandonado, estava sendo saqueado:

(sic) Esquecendo que não fazia muitas horas, quase fomos fuzilados, por ter entrado numa casa saqueada, mas vendo tanta gente, homens, mulheres, até crianças levando o máximo que podiam carregar, nós também procuramos algo que pudéssemos aproveitar. O chão estava cheio de açúcar, cereais, caixas estruturadas

⁴ O próprio autor colocou o ponto de interrogação, demonstrando a sua dúvida.

de papelão, contendo sabão, velas, etc., tudo esparramado, com o pessoal pisando encima.

Eu vi que um homem estava abrindo uma dessas caixas, o que dela tirava, latas de leite condensado. Fui até lá e consegui ainda pegar 2 latas. [...].

Praticamente o que ainda estava por lá, eram produtos de limpeza, velas, inseticidas, etc. coisa que para nós não interessava. Só peguei mais sabonetes e 2 pastas para dentes e uma escova. [...]. Antonio, também pouca coisa tinha conseguido. Sabão, velas, um pacote reventado de macarrão e alguma pequena coisa. Na realidade, de novo tínhamos chegado tarde (Pedro Brillas, s/data, 9º caderno:7).

Durante as guerras, a alimentação sendo escassa deve ser adquirida de maneira formal ou informal, pois a fome e o instinto de sobrevivência não levam em conta códigos de conduta. Corroborando esta ideia, o diário escrito por uma menina durante a Guerra Civil Espanhola relata situações semelhantes em Barcelona, em razão da fome persistente. Ela chega a sonhar com comida, tanta é a fome. Há um conflito familiar entre os seus pais, pois a mãe queria falsificar as cartelas de racionamento para obter mais alimento para a família, argumentando que estava cansada de passar fome, e que não sobreviveriam sem se alimentarem. Já o pai era contra, pois “falsificar uma cartela é burlar a lei”. Entretanto, segundo a autora, “a fome é má conselheira” (MARTORELL I GIL, 2011:113-114), resultado: “Hoje é o primeiro dia que usamos a cartela do pão que mamãe conseguiu de forma ilegal.” (MARTORELL I GIL, 2011:119).

Os espanhóis republicanos de *La Retirada* estavam cercados pelas incertezas de todos os lados: à frente, a dúvida do que os aguardava em território francês; na retaguarda, pelo ataque das forças franquistas que buscavam alcançá-los:

(sic) A medida que andabamos sobre la carretera rumbo a Le Perthus, se hacia mas densa la columna de fugitivos y la marcha cada vez mas lenta. A lo lejos (no muy lejos) se oian estampidos de artillería, metralladoras y tiroteo. A veces el sonido de lucha era bien cercano, y nosotros nos entreollabamos con miedo de que fuesen los fascistas que estaban intentando llegar hasta allí para impedir nuestra fuga. Con frecuencia se oían disparos a nuestra frente, y nos preguntábamos lo que sería (Después, al cruzar la frontera, supimos que los gendarmes francés, hacían disparos al aire, contra los que intentaban pasar la frontera, por la montaña, o fuera del lugar fronterizo). (Pedro Brillas, 1965: 11).

Pedro rememora os seus últimos pensamentos, passados 26 anos desde aquele momento, antes de deixar a pátria, no dia 8 de fevereiro de 1939, e fez uma retrospectiva detalhada da sua vida, ainda juvenil naquela ocasião, aos 19 anos, desde a infância, passando pela adolescência, as tensões e a desilusão com o andamento da guerra:

(Sic) Tumbado en el suelo con la cabeza encima del manto, cara al cielo, viendo inconscientemente las nubes pasar (aquel dia amaneció sin sol, gris, triste) cercado sin lo sentir por millares de otros seres, empecé a pensar, como hacia tiempo no pude o no quise hacerlo, en como había transcurrido mi vida.

*Vime aún niño, [...]No pude dejar de pensar en las lágrimas que derramó cuando nos pusimos en marcha, Andrés y yo, ya vestidos de milicianos, en medio a la columna ROJA Y NEGRA, saliendo del cuartel de Pedralbes, rumbo al muelle de Barcelona, para embarcarnos hacia Mallorca y combatir allí a los fascistas.[...]. (Ah, madre mía, si pudiésemos dar marcha atrás al tiempo, le juro que hubiera hecho todos los posibles para hacerla feliz, y si no hubiese desistido de alistarme a las milicias, porque la gente puede amar mucho su madre, más el Ideal a veces la sacrifica, hubiera ido con otros pensamientos). Recordé las 2 veces que vino a verme al hospital de Gerona, cuando allí estuve después de ser herido en el frente. En ambas las veces y particularmente en la última, como que convencido que era la última vez que nos veíamos (los fascistas entrarían en Barcelona pocos días después) fué extremadamente cariñosa. Me trajo ropa limpia y algo de comer (pobre de ella que apenas ni podía vivir con lo que conseguía con los tickets). Sentí tan fuerte emoción en aquel momento, que las lagrimas me ardieron a los ojos. Después pensé en Andrés. Un auténtico hermano y un excelente amigo. [...] Recordé nuestras excursiones, [...] ambos ya casi hombres nos veríamos también lado a lado, con el fusil en la mano, luchando contra los fascistas por un Ideal, que sentíamos justo y humano. Ah, querido Andrés, fuiste mas que un hermano, más que un amigo ¡un padre! Me ayudaste y me protegiste en momentos críticos, en el frente. Conmigo, compartillaste el poco pan, o la poca agua disponible; algunas veces hiciste guardia en mi lugar, dejando que yo durmiese cuando deveria relevarte, juntos nos calentábamos en aquellas noches de invierno en el frente de Aragón, juntos pasamos mil peligros. [...] **Pasando en revista a mi pasado, pesando cuanto no dejaba o dejaría al cruzar la frontera**, me acordé del resto de mi familia. [...]. A grandes rasgos, recordé algunos momentos de mi campana, para comprobar con amargura, que de nada había valido mi entusiasmo y sacrificio. Lamentaba los inúmeros muertos que había visto, todos en balde. Franco, con sus ejércitos mercenarios, conseguía vencer. (Pedro Brillas, 1965:17-26 – grifos nossos).*

O exílio inicial na França (1939) e o *Camp d'Argelès-sur-Mer*

Os refugiados espanhóis ao cruzarem a fronteira francesa e deixarem a pátria involuntariamente para trás, diante da proximidade do exílio, além de aflorar a forte emoção do afastamento dos seus entes queridos, poderia representar uma ruptura com as suas raízes e cultura, deixando-os, literalmente, “sem o chão” da sua terra natal, sobretudo aos ex-combatentes solitários. Estas reflexões de Pedro, pouco antes de cruzar a fronteira, demonstram a sua desilusão com a performance dos republicanos, cujos sacrifícios, lesões e mortes teriam sido em vão, por uma causa perdida. Todavia, a esperança de uma reviravolta com uma possível retomada das forças republicanas na guerra civil, ainda se fazia presente:

*(sic) A decir verdad, durante los días en que con Antonio, ía de Gerona para Figueres y más tarde de allí hasta la frontera, habíamos ambos cambiado impresiones sobre nuestro provenir. Más debido a que no teníamos la certeza de entraríamos en Francia, pues eran tantos los bulos, algunos de los cuales aseguraban la entrada de grand cantidad de armas de Francia, con el refuerzo de tropas que del Centro, y pasando por Francia, irían en nuestro socorro, con el apoyo de gobierno central, creíamos y pensabamos que nosotros ya casi aptos para empuñar otra vez las armas íbamos para reincorporarnos al ejército. **Pocas veces, admitimos la posibilidad de retirada total y menos nuestro refugio en Francia, para pensar en como seríamos acogidos y tratados allí.** [...]. El combate continuaba a pocos km de allí. Aquel tiroteo nos ponía nerviosos y no veíamos la*

hora de cruzar la frontera y acabar con aquella pesadilla de la guerra. (Pedro Brillas, 1965:26-27 – grifo nosso).

Os refugiados desesperados eram invadidos por rumores contraditórios, frutos das incertezas do desenrolar do combate civil e do que lhes aguardava do outro lado da fronteira, somados ao som dos disparos de fuzis, metralhadoras, da artilharia e explosões de bombas. Embora os ex-combatentes tivessem dúvidas do andamento do conflito, alguns como Antonio, mantinham a esperança de um contra-ataque republicano, que pudesse reverter a situação (Pedro Brillas, 1965).

Após três dias de espera em *Els Limits* (Espanha), as autoridades francesas liberaram o acesso também do exército republicano ao país, considerado solidário à sua causa. No outro lado, no posto fronteiriço de *Le Perthus* (França) os refugiados tiveram que abandonar os seus veículos motorizados⁵, pois “a última coisa que aqueles refugiados teriam, seria a liberdade de circular como e onde quisessem, mesmo que isto não estivesse escrito em lugar nenhum” (BORONAT, 2010:250). Além das suas armas, os espanhóis eram despojados de quase tudo, conforme critério dos próprios *gendarmes*⁶, ou seja, “alguns agentes corruptos aproveitaram a oportunidade para roubar dinheiro, joias e outros objetos de valor. Famintas, derrotadas e desorientadas, as vítimas não podiam resistir às sevícias a que eram submetidas pelos policiais” (BUADES, 2013:303). Por esta razão, o exército republicano recomendava que lhes entregassem as suas armas, antes de cruzar a fronteira:

(sic) La mayoría dejaban (los que tenían) y yo entregué mi revolver Smith 38⁷ con 6 balas. Uno de los que componía nuestro grupo, cortó la cantimplora por atrás, y colocó dentro su pistola 7.65, cubriéndola después con el fieltro. Otros simplemente escondieron sus armas cortas debajo los brazos o en otros lugares (piernas, atrás de la cintura, etc., y cuando cruzamos la frontera a la pregunta de los franceses si teníamos armas, respondimos que no. Fuimos sumariamente revistados y oímos por la primera vez la palabra ¡ALLEZ! ¡Cuántas y cuántas veces no habíamos de oír esta palabra, que al fin se tornó maldita! ¡ALLEZ! ALLEZ! ALLEZ! ¡Marcha! ¡Marcha! ¡Marcha! (Pedro Brillas, 1965:29).

Uma das inquietações que surgiu durante a pesquisa e a leitura das memórias do autor, como Pedro se deu conta de que passou a ser exilado/refugiado de guerra. Ele responde:

*(sic) En la frente iban hombres y mujeres, y atrás lo mismo. Seguimos por una carretera, de cada lado, a intervalos de unos 20 m, más o menos, soldados o gendarmes franceses, sin contar los que iban acompañando la columna de “refugiados”. He aquí un hecho del que ahora me daba cuenta. **Habia dejado de ser soldado del ejército republicano español para transformarme de repente en***

⁵ Entretanto, esta informação não condiz com o relato de Pedro, quando observou do outro lado dos arames farpados do Camp d'Argelès famílias inteiras com os seus veículos, além de animais.

⁶ Policiais franceses.

⁷ Em outro momento, Pedro cita que entregou o seu revolver Colt 38. São lapsos da memória.

“refugiado”. ¿Quién podía imaginar que aquel estado iría años, y que las circunstancias me llevarían a conocer otros horizontes y otros pueblos, a centenas y millares de kms? Es posible que muchos de los que aquel día y posteriores cruzamos la frontera, si hubiésemos sabido por anticipado las humillaciones y sacrificios que habríamos de encontrar, hubiéramos vuelto atrás, recogido las armas y enfrentado al fascismo en España, aún a riesgo de nuestra vida. ¿Cuántos y cuantos pasaron la frontera para salvar su vida, y no obstante la perdieron deste lado? Dejábamos un fascismo asesino en España para enfrentar otro tan hediondo, mas disfrazado, del otro lado de los Pirineos (Pedro Brillas, 1965:31-32 – grifo nosso).

O exílio inicial na França tornou-se definitivo para milhares dos refugiados espanhóis, condição nada fácil de ser vivenciada, pois: “[...] o exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada (SAID, 2003:46).” Ademais, o exílio provocou não apenas o deslocamento espaço-temporal dos retirantes, mas deslocamentos psicológicos, subjetivos e culturais, ao se defrontarem com novas culturas e contextos sociopolíticos, passando a serem forasteiros em terras estrangeiras.

Afinal, como foram recebidos inicialmente pelos franceses aqueles milhares de fugitivos espanhóis? Como eles se sentiam? Segundo San Geroteo (2012:110):

L’entrée sur le territoire français fut loin d’être glorieuse, les promesses ne furent en aucun cas tenues, sans doute n’y avait-il pas assez de fleurs pour recevoir tous ces fugitifs, fervents admirateurs de la France. La déception des émigrés fut à la hauteur de l’imprévision et du laxisme du gouvernement français durant les premières semaines de l’exil.⁸

De acordo com Pedro:

(sic) !ALLEZ! ALLEZ! Estas palabras las oíamos a cada instante de cada lado de la carretera, pronunciada por soldados (blancos o negros) y por los gendarmes, que no permitían que la columna parase, ni para descansar ni para hacer las mas elementares necesidades. A medida que avanzábamos, encontrábamos (a pesar de los protestos de los franceses) refugiados sentados en la carretera, descansando. Eran la mayoría civiles, familias enteras (padre, madre, hijos, abuelos) que al no poder uno de los más débiles continuar la marcha a pesar de los ALLEZ, ALLEZ, y hasta de las coronadas de los soldados, particularmente de los negros, paraban todos de la familia, al impulso del sentido de conservación de la familia. [...] (Pedro Brillas, 1965:34-35).

Além de serem obrigados a caminhar, sem descanso, os refugiados espanhóis eram expostos às humilhações pelos franceses:

(sic) Eran cerca de 2h da tarde, cuando llegamos a uma espécie de plaza, dentro de um pequeno bosque, endonde estaban parados unos camiones. De repente, soldados franceses, que estaban encima de los camiones al borde la carretera, dieron unos gritos y empezaron a lanzar panes redondos hacia la columna. Inmediatamente

⁸ A entrada no território francês não foi nem um pouco gloriosa, as promessas não foram sustentadas, sem dúvida alguma, não havia flores suficientes para receber todos esses fugitivos, fervorosos admiradores da França. A decepção dos imigrantes foi no mesmo grau da improvisação e do laxismo do governo francês durante as primeiras semanas do exílio (tradução livre).

todos los que allí estábamos, bastante gente, y los que iban avanzando cercamos los camiones y nos lanzamos a la caza de los panes, fue una escena ridícula y trágica al mismo tiempo. Como fieras hambrientas, nos empujábamos unos a los otros a la cata del pan, que a gargalladas lanzaban los soldados, como en los ZOOLOGICOS, los visitantes lanzan comida a los bichos. Gendarmes que acompañaban la columna querían imponer orden, más inútilmente, los refugiados, hombres, mujeres, niños, civiles, o excombatientes, no arredraban pie, y nos empujábamos para conseguir el pan. Cuando Antonio y yo conseguimos cada uno un pan (a duras penas) salimos de aquel enjambre y volvimos a la carretera, andamos unos 50 m y esperamos por el resto del grupo. Poco duró el pan, pues los tres camiones se vaciaron luego. Muchos llevaban dos o mas panes y muchos nada, provocando gargalladas y lágrimas, según la suerte de cada (Pedro Brillas, 1965:35-37).

São inúmeros os depoimentos dos maus-tratos dispensados pelas autoridades francesas, quando o fluxo humano atravessou a fronteira e foi conduzido sob a escolta armada de soldados e policiais franceses (ALTED, 2012; BUADES, 2013; SAN GEROTEO, 2012), entre eles: (sic) Francamente dava rabia. Es verdad que los franceses nos dejaron entrar en su país, para protegernos de los franquistas, cosa que tenemos que agradecer, pero era lamentable la manera que nos trataban. Como si fuésemos un rebaño de animales, conducidos al curral (Pedro Brillas, s/data: 3-4). Todavía, ocasionalmente, houve também alguma solidariedade por parte dos soldados franceses com a situação daqueles forasteiros:

(sic) A medida que avanzábamos, siempre acompañados de ALLEZ, ALLEZ, custodiados por los soldados o gendarmes, íbamos dejando mayor número de hombres y mujeres sentados sobre el asfalto, que paraban por no poder continuar andando. También a media que el tiempo avanzaba, y como comprendiendo nuestra situación, los gendarmes y soldados eran menos violentos y sin dejar su ALLEZ! ALLEZ! Permitían las pausas y hasta había alguno que ayudaba a los viejos o mutilados. De vez en cuando y en sentido inverso, venían gendarmes montados s/motos, o autos militares con oficiales, como que verificando la marcha de la columna, y cuando veían algún grupo parado lanzaban su ALLEZ, ALLEZ y proseguían. [...] Parecía como un disco, que colocado en la vitrola repetía las mismas palabras (Pedro Brillas, 1965:37-38).

Os retirantes não recebiam nenhuma informação para onde estavam sendo conduzidos e quando chegariam. Após quatro ou cinco paradas para descanso, já era noite escura, quando encontraram um aglomerado, onde se via muita gente em torno de fogueiras, preparando comida, outras conversando ou deitadas, que lhes informaram que por perto havia um povoado chamado Argelès. Intimidados a prosseguir pelos soldados, Pedro notou fogueiras, carros, cavalos, burros, cães e até vacas e galinhas, além de homens, mulheres e crianças, todos civis. Ali, na areia da praia, foram obrigados a permanecer durante a noite fria do inverno europeu, sem nenhum teto para abrigá-los. Apenas na manhã seguinte, ao acordar, no meio de uma multidão crescente, o autor se deu conta de que estavam detidos por cercas de arame farpado e soldados armados.

(sic) En realidad, todos o casi todos los que estábamos en el campo deseábamos el fin de la guerra y una solución p/ nuestro caso. Lo que nadie quería era vivir en aquel infierno que si bien no tenía el peligro de las bombas o balas, tenía dentro de sí el aspecto de la muerte, por hambre o falta de cuidados. ¿Cuántos españoles ya no habían muerto dentro de aquel cuadrilátero⁹? ¡Y los que habían de morir aún! (Pedro Brillas, 1965:81).

Essas palavras resumem o caos em que se transformaram as areias do *Camp d'Argelès*, sobretudo para os primeiros refugiados espanhóis que ali chegaram em fevereiro de 1939, sem contar com nenhuma infraestrutura para abrigá-los, e muito menos, sem informações sobre o seu destino, e totalmente à mercê das arbitrariedades das autoridades francesas.

O *Camp d'Argèles* foi um dos primeiros campos a serem constituídos na praia pelos franceses para abrigar os refugiados espanhóis, subestimados em algumas dezenas de milhares, porém, chegaram quase meio milhão de pessoas, que foram distribuídas em diversos campos (PESCHANSKI, 2009). No dia 1 de fevereiro de 1939 foi iniciada oficialmente a instalação do *Camp d'Argelès*, executada pelos primeiros republicanos a chegar ao local (SOLE, 2011). A improvisação na construção dos campos e no próprio sistema de internamento foi uma constante marcada pela urgência do momento (PESCHANSKI, 2002:98-99):

Les camps de toile dressés lors de l'arrivée des Espagnols en 1939 symbolisent plus que les autres l'improvisation des autorités. Orientés vers les plages Du Roussillon, à Argelès et à Saint-Cyprien, la plupart des hébergés dormirent à même le sable sans avoir de quoi se couvrir. [...]. Très vite on monta les tentes, mais elles étaient en nombre insuffisant et les conditions climatiques – le vent et le froid (on était rappelons-le, en février) – aggravèrent singulièrement la situation.¹⁰

Os campos de internamento franceses, onde os refugiados republicanos considerados “estrangeiros indesejáveis” pelo governo francês permaneceram retidos em regime concentracionário, embora não tivessem a mesma finalidade dos campos de extermínio nazistas, ceifaram a vida de muitos deles pela falta de higiene, de instalações sanitárias, de água potável e de um teto para abrigá-los. Inicialmente, dormiam ao relento, na praia, sujeitos às intempéries do frio invernal, um dos mais rigorosos daquela década. Foram acometidos por doenças, como disenteria, tifo, pneumonia, desnutrição, além de pragas por falta de higiene,

⁹ Conforme Alted (2012), os campos de internamento franceses também eram conhecidos por “cuadrilátero” ou “hipódromo”.

¹⁰ “Os campos de tendas destinados à chegada dos espanhóis em 1939 simbolizavam mais que tudo a improvisação das autoridades. Orientados às praias de Roussillon, à Argelès e Saint-Cyprien, a maioria dos albergados dormiu mesmo na areia, sem nada para cobrir. Muito rapidamente foram instaladas tendas, mas insuficientes, e as condições climáticas – o vento e o frio (deve-se lembrar que era em fevereiro) – agravaram singularmente a situação” (PESCHANSKI, 2002:98-99 - tradução livre).

como sarna, piolhos e pulgas (ALTED, 2012; BUADES, 2013; PESCHANSKI, 2009; SAN GEROTEO, 2012).

Após 220 dias no Camp d'Argèles, quando Pedro Brillas saiu do campo, iniciava-se a Segunda Guerra Mundial (1939-45). Assim, novamente levado pelas circunstâncias, como o foram milhares de refugiados espanhóis, o jovem hispânico testemunhou e sofreu as adversidades de outro conflito bélico, ainda mais longo, desta vez em terras estrangeiras, na França e Alemanha, e desabafa:

[sic] Foram 220 dias, passando frio, fome, comido por piolhos e pulgas, com disenteria, sarna e muitas humilhações, mal vestido e dormindo na areia. Entrei ferido, saí curado, não pelos curativos recebidos no campo. Entrei esperançoso. Saí decepcionado.

Amaldiçoando os franceses pelos maus tratos, desde que cruzei a fronteira, onde a primeira palavra aprendida em francês foi "ALLEZ-ALLEZ"! Agora, no trem renasciam minhas esperanças. Só lamentava a nova Guerra (Pedro Brillas, 2005-2006:19, grifo da fonte).

Considerações finais

Os relatos detalhados de Pedro Brillas ampliam e enriquecem os testemunhos e os estudos da luta e dramas a que foram submetidos os republicanos espanhóis durante *La Retirada* (1939) e no Camp d'Argelès-sur-Mer, um dos muitos campos de internamento franceses, concebidos inicialmente para os espanhóis "rojos" (de esquerda), e aos outros "estrangeiros indesejáveis" para as autoridades francesas, e posteriormente para os nazistas durante a ocupação da França (1940-44). Trata-se da visão e subjetividades de um protagonista, que retrata a memória coletiva de acontecimentos históricos, que ainda está sendo (re)construída.

A Guerra Civil Espanhola resultou na emigração forçada de cerca de meio milhão de republicanos, militares e civis de todas as faixas etárias, resultando no exílio temporário ou permanente de milhares deles e o início de vivências indeléveis, experiências comuns e extraordinárias, além de estratégias de sobrevivência, registradas e preservadas por várias décadas, nas memórias de Pedro Brillas, um ex-combatente republicano, exilado com apenas 19 anos de idade.

Referências

- ALTED, Alicia. *La voz de los vencidos: el exilio republicano de 1939*. Santillana Ediciones Generales: Madrid, 2012.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BORONAT, Oscar. *Quatro Caminhos*. São Paulo: Ed. do Autor, 2010.

- BUADES, Josep M. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 111-119, 1997.
- MARTORELL I GIL, Encarnació. *Com olhos de menina: um diário sobre a Guerra Civil Espanhola*. Trad. Joana Angélica d'Avila Melo. Record: Rio de Janeiro, 2011.
- MUSEU MEMORIAL DE L'EXILI (MUME). La Jonquera, Espanha. Disponível em: <http://www.museuexili.cat/>. Acesso em: 20 mai. 2015.
- PESCHANSKI, Denis. *Les camps français d'internement (1938-1946)*. 2000. 959 p. Tese (Doutorado em História Contemporânea) Université Paris 1 - Panthéon-Sorbone. Paris, 2009.
- _____. *La France des Camps: L'internement 1938-1946*. Mayenne: Gallimard, 2002.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- SAN GEROTEO, Raymond. *Les Oliviers de l'Exil*. Sobrevivir - Collection dirigée par André Gabastou. Pau: Cairn, 2012.
- SOLÉ, Felipe (Dir.). *Camp d'Argelers*. Documentário sobre o campo de internamento para exilados republicanos. Produção de Reinald Roca; Assumpta Planas; François Boutonnet. 1:30 minutos. 10 nov. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KoS25xZ3oFU>. Acesso em: 12 jan. 2015.

Fonte:

Pedro Brillas. *Autobiografia*. Memórias, Diários. (Coleção – acervo particular) São Paulo, Barcelona, Aragão, Paris, Toulouse, diversas datas.